

*SENHORAS DE SI E DO PRÓPRIO TEMPO:
NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES
SOBRE O TEMPO ENTRE MULHERES IDOSAS*

Cristiane Leal Rodrigues Soares¹

resumo

Este trabalho é resultado de uma pesquisa recentemente defendida no doutorado em Sociologia na UFPB. Nele objetiva-se discutir de forma panorâmica algumas representações do tempo por mulheres idosas pertencentes a dois segmentos sociais distintos: os segmentos médios e populares. Procura-se ainda apresentar alguns dos usos que elas fazem do tempo cotidiano, revelando a velhice como uma fase favorável para o desenvolvimento de uma vida para si, autossatisfatória, que tem como base o enaltecimento de uma ética que privilegia "um tempo para si" em detrimento ao "tempo dedicado aos outros", especialmente à família. Os elementos empíricos deste trabalho foram qualitativamente selecionados. Utilizou-se primordialmente o recurso das narrativas de vida de 13 senhoras, com idade entre 60 e 70 anos, pertencentes aos segmentos citados, segundo os moldes de Bertaux (1997), residentes

1 Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Paraíba (2004); mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2009) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2013). Atualmente é professora da Faculdade Maurício de Nassau - João Pessoa - PB. E-mail: cristiane.30@hotmail.com

na cidade de João Pessoa. Também foram realizadas observações diretas, seguindo as orientações metodológicas de Magnani (2002), em um dos bairros dessa cidade, o bairro de Bancários. As narrativas das senhoras em relação ao tempo mostram a preocupação de um redimensionamento do tempo limitado pela ideia de seu próprio fim, a partir da opinião de que o tempo passado parece ser mais longo do que aquele que se está por vir. Com isso ressalta-se a necessidade de um tempo para se viver melhor o aqui e o agora, priorizando o presente e seu bom proveito.

palavras-chave

Mulheres Idosas. Tempo para Si. Tempo para os Outros.

1 Introdução

Este trabalho é parte de uma pesquisa recentemente defendida no doutorado em Sociologia na UFPB. A motivação para seu desenvolvimento encontra-se centralmente na observação de dados resultantes de estudos desenvolvidos em João Pessoa, especialmente na pesquisa organizada por Franch e Queiroz (2010) e em outra realizada por Soares (2013), que sugerem novos comportamentos da velhice feminina nesta cidade; assim como também apontaram Debert (1999) e Britto da Motta (2007) em investigações em outras cidades brasileiras. De acordo com esta última pesquisadora, a vivência do tempo é importante dimensão para o entendimento da experiência do envelhecimento, sendo reveladora de importantes transformações dos modos de vida dos idosos. Daí a busca por conhecer essa dimensão da vida social entre mulheres idosas em João Pessoa.

O grupo aqui investigado foi composto por mulheres dos segmentos médios e populares. A classificação dessas senhoras nestes grupos teve como orientação as propostas de Velho (2008) e Durham (1984; 2004). Para tais pesquisadores essa classificação é realizada considerando não somente o ponto de vista do lugar em que os indivíduos ocupam na estrutura produtiva, como a profissão que exercem, mas também reconhece conjuntamente elementos como: espaço de moradia, condições e estilos de consumo, rendimento e escolaridade e práticas e hábitos do cotidiano, na tentativa de levar em consideração concepções e instrumentos capazes de refletir tanto os aspectos socioeconômicos quanto aqueles construídos ao nível da cultura. Assim,

entre as senhoras dos segmentos médios, apesar de guardarem suas diferenças entre si, é possível citar as seguintes características: possuem ensino superior; atuaram profissionalmente em atividades como economistas, enfermeiras, dentistas, advogadas entre outras; possuem rendimentos entre R\$ 3.000,00 (três mil reais) e R\$ 8.000,00 (oito mil reais); seus filhos estudaram ou estudam em instituições privadas de ensino; possuem planos privados de saúde; costumam alimentar-se a partir de regras dos profissionais de saúde; fazem atividades físicas do tipo Yoga e Pilates, além das caminhadas; frequentam habitualmente salões de beleza; consomem roupas e acessórios de grifes; seus principais meios de transporte são veículos particulares; suas residências são próprias, espaçosas e abrigam equipamentos sofisticados. Entre as senhoras do segmento popular, também guardadas suas especificidades individuais, encontramos as seguintes peculiaridades: possuem o ensino fundamental; exerceram atividades como faxineiras, lavadeiras, agricultoras, entre outras; seus filhos e netos estudaram ou estudam em escolas públicas; utilizam o sistema único de saúde; são aposentadas pelo INSS e recebem um salário mínimo; não possuem cuidados alimentares específicos; não costumam fazer atividade física; usam o transporte coletivo como principal meio de locomover-se na cidade; suas residências são modestas e apesar de possuírem alguns equipamentos eletro eletrônicos, percebe-se que são aqueles considerados mais baratos no comércio.

Foi majoritariamente entre as senhoras dos segmentos médios que se percebeu uma contraposição, em alguma medida, aos tradicionais papéis femininos (mães, avós, donas de casa) em tempo integral. Desde as primeiras observações verificou-se entre as senhoras o incentivo, de umas às outras, a estabelecerem estratégias diárias para “cuidarem de si mesmas” e para “separarem um tempo para si”. Diante disto alguns questionamentos foram primariamente levantados: Como as senhoras dos dois grupos ocupam suas horas no dia a dia? O que fazem por prazer e o que fazem por obrigação? Quais diferenças e semelhanças podem ser destacadas entre os segmentos sociais nos quais as senhoras se inserem?

Tendo em vista tais questionamentos, neste trabalho, objetiva-se apresentar algumas narrativas sobre o tempo e discutir representações do tempo por mulheres idosas pertencentes a dois segmentos sociais distintos: os segmentos médios e populares. Procura-se ainda apresentar como organizam o tempo no dia a dia, revelando a velhice como uma fase favorável para o desenvolvimento de uma vida para si, autossatisfatória, que tem como base o enaltecimento de uma ética que privilegia “um tempo para si” em detrimento ao “tempo dedicado aos outros”.

A fim de responder aos questionamentos apresentados e cumprir com os objetivos propostos, realizamos uma pesquisa previamente aprovada pelo Comitê de Ética da UFPB. Esta pesquisa foi desenvolvida na interface da Sociologia com a Antropologia e isso se justifica porque ao mesmo tempo em que discutimos questões sociológicas – como: as transformações nas relações familiares a partir da abordagem sobre individualização nas sociedades complexas, contribuindo para o debate da questão indivíduo/sociedade na contemporaneidade – também utilizamos uma perspectiva cultural como elemento central de nossa análise e adotamos instrumentos de levantamento de dados próprios da Antropologia, como o método etnográfico.

Este estudo se fundamentou em pesquisa bibliográfica e investigações de campo, caracterizando-se primordialmente como qualitativa, uma vez que utilizou recursos como entrevistas e observações do cotidiano de um grupo de senhoras, com idade entre 60 e 70 anos, frequentadoras da Praça da Paz, um dos lugares mais utilizados por idosas residentes em Bancários, bairro localizado na zona sul da cidade de João Pessoa.

Bancários atualmente se caracteriza, entre outros fatores, por abrigar especialmente duas comunidades que se distinguem fundamentalmente pelas diferenças de “classe”. Esse bairro comporta habitantes dos segmentos médios e populares, e a Praça da Paz, localizada no centro do bairro, se apresenta como principal espaço de encontro desses dois grupos de moradores do bairro.

As senhoras participantes da pesquisa foram conhecidas pela pesquisadora, tanto espontaneamente na Praça, quanto indicadas por outras senhoras pertencentes as suas redes de relações. Os critérios de seleção das senhoras consideraram o seguinte perfil: todas deveriam ter desenvolvido uma atividade profissional no passado, ser atualmente aposentadas ou pensionistas e ter tido ou manter relações conjugais, possuindo filhos e netos.

Dentre os instrumentos de pesquisa utilizamos a etnografia, seguindo algumas propostas antropológicas de Gilberto Velho (2008), incluindo a observação participante nas atividades na Praça, e posteriormente, com o consentimento das senhoras, alcançando outros espaços, inclusive seus ambientes domésticos. O trabalho etnográfico não se reduziu à observação, envolveu também conversas informais e a execução de entrevistas semi estruturadas. Estas últimas foram realizadas com um grupo de 13 senhoras, 7 pertencentes aos segmentos médios e 6 pertencentes aos segmentos populares. Também realizamos entre esse grupo de senhoras entrevistas do tipo narrativas de vida, nos moldes de Bertaux (1997), para quem os relatos de vida distinguem-se das entrevistas por serem estruturados em torno de uma sucessão temporal de eventos vividos.

Todos os instrumentos de pesquisa se complementaram no processo de investigação, trazendo importantes informações sobre os usos e as representações do tempo entre mulheres idosas.

Em suas experiências, as senhoras expressaram diferentes concepções de tempo, revelando duas representações marcantes em ambos os segmentos: a noção de tempo “auge das obrigações”, relacionada aos primeiros anos da vida adulta, quando o tempo era primordialmente dedicado “aos outros”; e o tempo presente, mais associado ao “tempo de liberdade”, ou o “tempo para si”. É sobre essas representações que tratamos a seguir.

2 As senhoras e suas representações mais marcantes sobre o tempo: O tempo para os outros x O tempo para si

Entre as senhoras entrevistadas, o tempo inicial de vida adulta comportou tempos múltiplos de várias atividades que necessitavam ser conciliadas; segundo os relatos, fundamentalmente em torno do casamento, das obrigações de trabalho e da maternidade, ou seja, através de um conjunto de responsabilidades da vida que marcaram para as senhoras a integração à vida adulta. A sobreposição de obrigações dessa fase da vida surgiu fortemente entre as senhoras de ambos os segmentos sociais, e trouxe a ideia “do tempo auge das obrigações”, na qual cada dimensão da vida – conjugal, materna, profissional – apareceu, em alguma medida, como uma forma de “aprisionamento” a que estiveram submetidas, tal como ilustra a narrativa de uma das participantes da pesquisa pertencente ao segmento médio.

Com dois meses de casada eu engravidei, aí foi que o nó apertou, eu me vi feito uma louca, quase não tive direito a resguardo, porque se não voltasse pra o trabalho, corria o risco de ser demitida. Era muita coisa pra uma pessoa só, trabalhava, cuidava de casa, de menino, tinha dia que eu chorava. Esse tempo foi pesado, foi o auge das minhas lutas, das minhas obrigações, mas eu era nova né, aguentava, mas vivia presa a tudo isso, não tinha vida não, era só uma rotina. (DONA VERA²)

No entanto, entre as senhoras do segmento popular, essa ideia de aprisionamento pareceu mais forte, uma vez que dificilmente tinham com quem contar para dividir suas tarefas. Já entre as mulheres do segmento médio,

2 Os nomes verdadeiros das senhoras foram mantidos em sigilo para preservar suas identidades e cumprir com os pré-requisitos éticos da pesquisa. Assim, aqui usamos nomes fictícios.

surgiu como amenizador desse acúmulo de atividades a parceria das empregadas domésticas que a maior parte delas revelaram ter contratado ao menos nas fases mais críticas de suas obrigações.

No que diz respeito ao tempo de aprisionamento em relação às condições conjugais, o tempo presente marca uma “liberdade de gênero”, da qual também nos fala Britto da Motta (2007), referindo-se à percepção de liberdade encontrada por algumas mulheres que, tendo atravessado situações de subserviência masculina, sentem-se, especialmente após as separações ou viuvez, livres do “jugo masculino” em suas vidas. Essa perspectiva aproximou muito as senhoras de ambos os segmentos, mas percebeu-se entre as senhoras do segmento médio maior autonomia em relação aos seus companheiros.

Uma das entrevistadas, dona Cida compreende sua etapa atual da vida como a “da melhor liberdade”, uma vez que não possui quem regule seu tempo, nem tampouco controle o que ela deva fazer com ele. A liberdade para dona Cida associa-se, desse modo, à possibilidade de usar seu tempo conforme suas vontades particulares sem preocupar-se em ter que atender as regras de conjugalidade a que foi socializada desde sua infância, segundo as quais às mulheres cabia obedecer aos maridos e a eles servir, especialmente em suas expectativas domésticas.

Porque agora eu saio pra onde eu quero. Não tenho ninguém pegando no meu pé. Não tenho nem quem pergunte: Pra onde foi? Foi fazer o que? Chega que hora? Faço o que quero na hora que quero, tem coisa melhor? Pra mim esse é o melhor tempo de minha vida, é, a melhor idade que eu tenho é essa de agora e a melhor liberdade também. Ai meu Deus, é tudo na minha vida, a melhor liberdade que eu tenho essa de agora! Quero homem não, homem é atraso, quero viver cem anos sem homem que me perturbe, que me faça de escrava, quero nada! Trabalhei pra ele minha vida toda, fiz de tudo, como se diz: cama, mesa e banho, e ele nunca reconheceu! (DONA CIDA)

Quanto à perspectiva de aprisionamento relativa à maternidade, este tempo diz respeito àqueles momentos da vida nas quais as mulheres tradicionalmente ocupam-se com os cuidados mais intensivos, dedicadas às crianças e adolescentes.

Depois que eu casei, deixei de trabalhar. Porque não precisava mesmo, meu esposo era muito bom pra mim, me dava de tudo, e assim eu podia ficar exclusiva pras crianças. Tive eles e criei todos eles, fazia as roupas deles, dava banho, comida, ajeitava tudo, tudo deles era comigo, no começo tinha empregada mas era mais pra casa e pra cozinha, os meninos era comigo. Ai tive praticamente

um atrás do outro, tive muito trabalho pra cuidar deles. Tinha que ficar em casa, porque ensinava as tarefas deles, ajeitava pra eles irem pra escola. (DONA ANA)

Como observado no trecho da narrativa acima, a maternidade requer das mulheres mais dedicação à família, fazendo com que elas se voltem mais ao ambiente doméstico. Tendo todas elas hoje os filhos crescidos, surge a sensação de liberdade, ou pelo menos de “alívio” das obrigações maternas mais exaustivas.

De acordo com as narrativas, o presente abre espaço para o tempo de liberdade, para vivências novas e diferentes formas de articulação entre as experiências da vida pública e da vida privada. As liberdades alcançadas unem-se aos novos valores introduzidos na família e contribuem para que estas senhoras possam articular de formas diferenciadas de tempos passados o tempo para si e o tempo para os outros. Como se observa na narrativa de dona Ana, que tendo deixado de ser “exclusiva” para os filhos, como retrata no trecho anterior, atualmente, procura privilegiar um tempo para si, para realizar atividades extra domésticas com as quais também encontra satisfação. Desenvolvendo, para tanto, juntamente com sua família, relações de negociações, com vistas à divisão mais igualitária das tarefas domésticas que a permita usufruir parte de seu tempo com outras atividades para além daquelas realizadas em casa.

Em relação aos meus filhos, eu ficava presa a eles e tinha que levantar cedo, fazer almoço, passava o dia todo em casa, lavando roupa e etc, etc, etc. Sempre moraram comigo; depois que o pai deles morreu, o mais novo dormia comigo. Agora todo mundo ajuda aqui, as coisas não são como antigamente mais não, agora todo mundo ajuda! Porque eu achava que tinha que fazer tudo em casa, sozinha... eu abria mão da minha vida pra fazer tudo pra meus filhos... e olhe que muitas vezes ninguém reconhece, hoje não, eu faço primeiro minhas coisas, depois o tempo que sobra eu cuido das coisas de casa. (DONA ANA)

Algumas pesquisas, entre elas as realizadas por Andrade (1992), Britto da Motta (1996; 2007) e Debert (1994), têm revelado que boa parte das mulheres, independente da classe social, considera a sua etapa atual de vida, como idosas, o momento mais propício para realizações até então inalcançadas, ou por falta de tempo em momentos anteriores, quando ainda se situavam no tempo “auge das obrigações”, ou porque ainda não possuíam a consciência de que também poderiam ter, apesar de todas as suas atribuições, um tempo para si, como destaca a narrativa de dona Rosa, que atualmente compreende e valoriza esse tempo.

[...] é meu tempo de aproveitar a minha vida porque quando eu tinha meus filhos e trabalhava eu não saía de casa, casei com você sabendo quem você era e você não se faça de vítima porque sabe de minha vida e sabe que eu quero fazer o que gosto agora. Agora posso programar minhas viagens, posso sair sem me preocupar com horário de voltar, porque não tenho obrigações que me aprisionem mais como antigamente, que tinha trabalho, tinha que estudar, tinha a casa, tinha meus filhos pequenos, hoje posso aproveitar mais minha vida. [...] Hoje eu sei dos meus direitos, não abro mão deles, também sei muito bem do que posso e não posso fazer, sei até onde posso chegar. (DONA ROSA)

A compreensão de direitos aparece na narrativa desta senhora legitimando o uso do tempo atual com práticas que tragam autossatisfação, mediante a ideia de que, em outros momentos, teve seu tempo de prazer – ou de realizar outras atividades também desejadas – subtraído com a maternidade, com as obrigações de trabalho, com o estudo e com os cuidados da casa. Viajar, sair sem compromissos com horários, diz respeito então a comportamentos que integram direitos adquiridos mediante o cumprimento de obrigações próprias de outros tempos, tidas como aprisionantes, entre elas o trabalho. A intensificação do mundo do trabalho e a inserção das mulheres nesse mercado aumentaram suas demandas por uma nova categoria de disponibilidade: a do tempo para si, o tempo autogerenciado do qual nos fala Nowotny (1992). Este é fundamentado na escolha, e não na obrigação, daí a ideia de que o tempo para si é um tempo de liberdade, individualizado, ainda que elaborado sob a perspectiva de um campo de possibilidades delimitado (VELHO, 2008). Segundo os relatos das senhoras, é nesta fase de suas vidas, como idosas aposentadas, que este tempo pode ser vivido com mais intensidade. A maior liberdade encontrada no presente em detrimento a outros momentos pode então ser favorecedora para o desenvolvimento de um tempo para si e de uma vida para si.

O hoje assim abre espaço para o tempo de libertação. A pesquisa mostrou que há ganhos de várias naturezas nessa época da vida, e há um tempo que, ao ser apropriado por essas mulheres idosas, passa a ser usufruído com satisfação. A elaboração desse tempo pode ser inclusive compreendida como uma conquista individual, em que a idosa desejosa de ter mais “tempo reservado para si” inventa novas lógicas racionais de lidar com as atividades “menos prazerosas” do dia a dia a fim de perder menos tempo com elas. O emprego do tempo é então determinado por uma mudança de *habitus* (BOURDIEU, 1983), inspirada por novos valores, acessados em diferentes instituições que agenciam a velhice – tais como: grupos de terceira idade ligados às equipes

de saúde pública ou privada, grupos religiosos, academias da terceira idade, entre outros. Estes grupos organizam e disseminam um conjunto de orientações e intervenções especializadas no envelhecimento, reforçando a ideia de que esta é uma questão pública (DEBERT, 1999) – através das quais se assimilam novas lógicas de relações entre obrigações e prazer. Tal perspectiva associa-se às reflexões em Beck e Beck-Gernsheim (2003), quando tratam sobre os princípios dos deveres para consigo mesmo frente à lógica da satisfação pessoal presente na sociedade contemporânea, e que pode ser percebido na fala de dona Ana a seguir.

Uma coisa que não abro mão é das minhas caminhadas, minhas aulas de artes, minhas amigas, meus passeios, tudo o que tem feito da minha vida cada dia mais feliz. Antes eu era presa, só vivia para os outros, em casa, lavando, cozinhando, hoje eu divido, tenho tempo pra tudo, inclusive pra mim. Quero fazer o que gosto. Sou dona do meu tempo! (DONA ANA)

Para as senhoras de ambos os grupos, ainda que algumas obrigações familiares continuem presentes, ou que o apoio e cuidados com a família permaneçam como uma preocupação central, cada uma delas encontra, a seu modo, estratégias para desenvolver um tempo para si, para fazer o que gosta, para viver o presente e a velhice como tempo de prazer.

Em ambos os grupos o cotidiano inclui diferentes atividades domésticas, com atenção aos familiares, a alimentação da família e a arrumação da casa. Entre a senhoras do segmento médio, no entanto, estas atividades são, na maioria dos casos, compartilhadas com empregadas domésticas. Neste grupo foi observado que há maior disponibilidade de tempo para os cuidados com a saúde, para o lazer e para as sociabilidades extra familiares. As senhoras do segmento médio incluem no dia a dia caminhadas matinais, alguns exercícios físicos e aulas de dança, primordialmente realizados na Praça da Paz, onde podem contar com equipamentos da Academia da Terceira Idade e com a orientação de educadores físicos contratados pela Prefeitura Municipal da cidade. Elas também participam de grupos de artes plásticas e de artesanato organizados pelas igrejas do bairro. Nas observações na Praça da Paz e nas igrejas do bairro percebemos que o uso do tempo entre estas senhoras privilegia as sociabilidades intrageracionais. Foi especialmente a partir de tais atividades que as senhoras revelaram encontrar motivações para encarar o tempo da velhice com prazer, situando esse tempo da vida como uma fase favorável para uma vida satisfatória em que cabe a ressignificação de suas atribuições e vivências.

3 O tempo presente como tempo de sabedoria

A segunda perspectiva do tempo presente apresentada nos relatos das senhoras diz respeito ao tempo da sabedoria. Esse tempo se traduz especialmente pelo acúmulo de experiências com o passar dos anos, com o tempo vivido, fazendo surgir a sensação de que o passado parece ser, nas perspectivas das senhoras, de modo geral, um tempo maior do que aquele que está por vir.

O tempo da sabedoria se explicita enfaticamente em meio às relações geracionais na família ou na vizinhança. Essa perspectiva foi mais nitidamente observada no cotidiano e nas narrativas de duas das senhoras do segmento popular, mas também verificada entre as demais pertencentes ao segmento médio. O presente ainda diz respeito ao tempo de sabedoria, sendo esta muitas vezes substantivada nos conselhos transmitidos pelas senhoras às demais gerações da família.

A pessoa só aprende as coisas nessa vida vivendo, dou conselho a ela [a filha] pra ela parar com essas coisas dela, pra ela procurar um serviço certo e se aquietar, ela já melhorou bastante mas precisa passar por muita coisa ainda, precisa sofrer pra aprender a dar valor ao que tem, aqui ela tem de tudo, mas invés de aproveitar pra pegar o dinheiro dela e fazer alguma coisa boa mesmo só se preocupa com festa, com roupas, com celular. Eu não reclamo muito porque também fui moça, também queria andar arrumada, mas depois a gente vê que isso não é tão importante assim, que tem outras coisas mais importantes, invés de tá gastando com essas coisas, não é melhor juntar e comprar uma casinha? Quando ela tiver mais velha ela vai querer ter o canto dela e aí? Eu sei o que é isso porque também perdi muito tempo com besteira, gastando com bobagens e por isso sofri muito pra ter isso aqui. Poderia até ter uma casa melhor, mas fui burra, fiz muita besteira na vida, agora depois de velha é que a gente aprende isso. (DONA ELZA)

Enquanto a sociedade privilegia os modelos mais dinâmicos de envelhecimento, favorecendo o presente e as práticas mais inovadoras – baseadas na ideia do preavalecimento de informações continuamente renovadas –, os conselhos baseados na experiência terminam perdendo espaço. Conforme observa Bosi (1994) em seu trabalho sobre memória e sociedade, a velhice é o tempo da lembrança. Tais perspectivas foram elaboradas a partir de exemplos de narrativas como as de dona Val, pertencente ao segmento popular de Bancários, que mantém a prática da reza, aprendida com sua avó desde criança no interior do Nordeste; diz respeito à manutenção de uma prática antiga adquirida no passado familiar, mas que não se perdeu com o tempo.

Aprendi a rezar com minha avó, ela era rezadeira muito respeitada no interior, vinha gente de longe pra ela rezar. Ela também era parteira, eu vi ela trazendo muitas crianças ao mundo. E quando eu tava mocinha, ela sempre me chamava pra ajudar, eu e minha mãe ajudava sempre. Aqui também o pessoal me procura muito, sou mãe desse povo todinho aqui, já tirei mau olhado de menino novo, de gente doente. Minha avó dizia que a fé pode todas as coisas, eu acredito nisso, mas a pessoa que vem também tem que acreditar por que senão não funciona. Eu sou a única aqui que rezo, pode procurar outra rezadeira que por aqui não tem, o pessoal não sabe rezar, quando procuram por uma rezadeira todo mundo já sabe: é dona Val! (DONA VAL)

A prática da reza, segundo dona Val, a coloca em lugar de destaque social uma vez que somente ela a exercita na comunidade em que mora. Trata-se de uma prática própria do universo das culturas tradicionais, que continua a ser valorizada no tempo presente, distinguindo-se da ideologia da terceira idade que privilegia a ciência, o conhecimento pós-tradicional. Para dona Val, o sentido do presente é encontrado através de suas práticas adquiridas no passado, revelando, assim como também observou Bosi (1994) nos relatos de seus entrevistados idosos, que “o vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência” (BOSI, 1994, p. 82).

Em sua narrativa, dona Val remonta aos modelos femininos de sua mãe e avó e revela que a memória é uma construção e pode ser transmitida pela oralidade e através das práticas concretas dos indivíduos em suas relações. Falando um pouco sobre os modos de vida do círculo social ao qual pertencia no passado, esta senhora revela que as lembranças que integram a memória coletiva apresentam-se como significativas na definição das relações familiares. A família surge nos relatos desta e das demais senhoras como “quadros sociais” (HALBWACHS, 1999) fundamentais para suas lembranças. Dona Vera, por exemplo, é uma das senhoras do segmento médio que também se reporta à família de origem para indicar algumas práticas mantidas atualmente e relacionadas aos costumes assimilados ainda na infância.

Mãe sempre dizia que banho de colônia ajudava a respirar melhor, desde pequena que eu tomo quase todo dia um banho de colônia, agora tem que ser antes da seis da manhã, porque senão, não faz efeito. Fervo as folhas e tomo com água morna numa bacia, minha dor de cabeça passa na hora. Tudo por conta da minha sinusite, a colônia me ajuda a respirar e a dor passa. (DONA VERA)

As narrativas de dona Vera sobre os costumes terapêuticos mostra a permanência da “autoridade das expectativas baseadas no costume”

(THOMPSON, 1998, p. 22-23). É neste mesmo sentido que Delgado (2007) discorre ao retratar as experiências corporais de idosos trabalhadores, observando que eles falam de um profundo enraizamento das disposições e esquemas culturais do *habitus* (BOURDIEU, 1983). No entanto, diferentemente destes senhores dos quais trata Delgado (2007), que desafiam o saber médico – registrando conflitos em suas relações com o sistema de saúde ao duvidarem da necessidade de fazer consultas –, as senhoras aqui envolvidas, apesar de acumular saberes culturalmente construídos quanto à saúde, não desprezam a credibilidade nas orientações médicas contemporâneas.

Ao narrarem seus aprendizados em tempos passados, algumas senhoras exaltaram as transmissões intergeracionais, situando-se como herdeiras de princípios de seus pais e avós, assimilados em diversos momentos da vida familiar. Enquanto sucessoras desses conhecimentos e dotadas de tantas outras experiências de vida adquiridas em outras imediações sociais, estas senhoras constroem com mais ou menos proeminência uma imagem de si como: “maduras”, “vivas”, “experientes”, “sábias”, e, em consequência disso, se reconhecem, no tempo presente, como transmissoras de conhecimento e valores, designando-se responsáveis pelos conselhos, pelos consensos e equilíbrio no contexto atual de suas famílias, tal como destacado na fala de dona Ciça em relação a sua filha:

Eu sou vivida e sofrida da vida, por isso eu digo a ela todo dia, sofri o pão que o diabo amassou, ela não seja besta não! Estude, se forme e vá trabalhar pra sustentar seus filhos e viva a vida dela, seja independente, dona de seu nariz, se um dia aparecer alguém que preste aí tudo bem, mas homem ruim, corra dele. (DONA CIÇA)

No entanto, nem sempre os conselhos dos mais velhos da família se coadunam com “os mundos sociais” dos demais membros, especialmente os filhos e netos. Nos contextos de diferenças intergeracionais, especialmente naqueles em que a heterogeneidade de mundos habita uma mesma casa, as relações são também permeadas de tensões que em muitas circunstâncias se traduzem em situações de conflitos a serem administradas. Nestes casos mais específicos, o tempo da sabedoria se associa ao tempo das negociações familiares. Negociar requer saber, aprendizado, habilidade para lidar com códigos culturais diferenciados, “jogo de cintura”.

É no jogo dos cruzamentos de múltiplos mundos sociais que as senhoras retratam hoje, através da memória, as relações sociais que estruturam essas temporalidades. Projetando em suas narrativas não somente vínculos com “a tradição” e com as lógicas familiares passadas, distinguindo-se das gerações

mais novas com as quais convivem atualmente, mas também, de alguma forma, integrando-se no presente através de temporalidades próprias permeadas pelos ideários contemporâneos da terceira idade, do envelhecimento ativo, entre outros que se apresentam contemporaneamente como modelos positivos de experiência da velhice.

4 O tempo futuro

O futuro traz muitas incertezas para todas as senhoras, especialmente relacionadas com a manutenção da autonomia, por isso aparece como um tempo que apresenta cada vez menos possibilidades de controle e desse modo se fortalece a ideia do “presente estendido” de Nowotny (1992) também verificado empiricamente por Franch (2008) e discutido por Leccardi (2005a, p. 45), que o compreende como “espaço temporal que bodeja o presente”. A narrativa de dona Ana é um bom exemplo de como essa ideia de presente estendido funciona entre as senhoras.

A gente já viveu muita coisa nessa vida não é Cristiane? Hoje a expectativa de vida aumentou muito, a gente sabe disso, mas viver, viver mesmo, sem tá precisando de ninguém, podendo ir e vir, e fazer o que se quer não é pra toda vida não, sabe? Então assim vamos viver cada dia, um dia de cada vez, posso pensar no que vou fazer hoje, amanhã, e depois, mas eu sei lá o que será daqui a dez anos? Só Deus sabe! Fico pensando nisso não. Um sobrinho meu lá de Rondônia, por exemplo, perguntou: tia, quando a senhora vem em Rondônia de novo? Eu disse: sei não meu filho, quando estiver perto eu aviso, porque eu simplesmente não sei, não sei se vou ter condições de ir daqui a um ano, dois anos, vontade eu tenho, mas só o tempo vai dizer. (DONA ANA)

Inúmeras foram as manifestações em que as senhoras demonstraram privilegiar o presente, evitando pensar no futuro, quando possivelmente podem encontrar o declínio do corpo e da autonomia. “Não fico pensando em futuro não, ele só me traz coisa ruim”, eis a fala de dona Ana, demonstrando uma perspectiva de incômodo em relação ao futuro e por isso privilegiando o presente, o tempo “que é frequentado sem desconforto e sobre o qual a atenção se detém sem dificuldade” (TABBONI³, 1986 apud LECCARDI, 2005a).

3 TABBONI, Simonetta. Le radici quotidiane della rappresentazione del tempo storico. In: BELLONI, Maria Carmen (Ed.). *L'aporia del tempo: Soggettività e oggettività del tempo nella ricerca sociologica*. Milão: FrancoAngeli, 1986. p. 121-133.

5 Considerações finais

Neste trabalho procuramos apresentar algumas percepções sobre o tempo a partir de narrativas de senhoras idosas pertencentes a dois segmentos sociais distintos, o segmento médio e popular. Voltamo-nos também a compreender como estas senhoras ocupam suas horas no dia a dia, assim como o que fazem por prazer e o que fazem por obrigação.

Consideramos esta discussão relevante para a compreensão das vivências do envelhecimento feminino contemporâneo uma vez que através dela podemos perceber que as transformações mais amplas na sociedade, especialmente em relação à individualização, não excluiu as idosas. Apesar de elas terem sido socializadas na maior parte de suas vidas através de lógicas em que o ‘nós’, ou a coletividade, especialmente do grupo familiar, era muito mais significativa do que no presente, estas senhoras, de ambos os segmentos, demonstraram aderir, em maior ou menor medida, à “uma vida para si”, ou seja, a uma proposta de vida que privilegia a realização pessoal para além do domínio doméstico. É seguindo essa lógica, mas ao mesmo tempo, sem abrir mão daquele tempo dedicado “aos outros”, que as senhoras organizam suas atividades no tempo diário. Elas mesmas, ponderando suas estratégias cotidianas de manutenção dos laços familiares, mas também enfatizando a liberdade, a autonomia e a capacidade própria de fazer escolhas, designam-se, no presente, senhoras de si e do próprio tempo.

O presente é “estendido” e pode designar: tempo de libertação e/ou tempo de sabedoria. Ambos vistos positivamente, como superação de um passado – um tempo de aprisionamento – ou como acumulação de experiências que só o tempo vivido é capaz de trazer. No presente, muitas das obrigações intensivas da vida: maternidade, trabalho, entre outras, vão sendo substituídas por atividades prazerosas ainda pouco experimentadas. Atividades estas que integram as senhoras em grupos sociais mais amplos, ampliando assim seus “outros significativos”, suas vivências e possibilidades de experimentar a velhice.

LADIES OF THEMSELVES AND OF THEIR OWN TIME: NARRATIVES AND REPRESENTATIONS ABOUT TIME AMONG OLDER WOMEN

abstract

This work is the result of a survey recently defended in the doctorate in sociology at UFPB. In it we aim to discuss panoramically some representations of time by older women belonging to two distinct social groups: the popular and middle segments. We also seek to present some of the uses that they make from their daily time, revealing old age as a favorable phase for the development of a life for themselves, self satisfying, which is based on the enhancement of an ethic that emphasizes "a time for yourself" over the "time devoted to others", especially to family. The empirical elements of this study were qualitatively selected. It was used, primarily, the resource of life narratives of 13 women, aged between 60 and 70 years, belonging to the mentioned segments, in the manner of Bertaux (1997), in the city of João Pessoa. Direct observations were also carried out, following the methodological guidelines of Magnani (2002), in one of the neighborhoods of this city, Bancários neighborhood. The ladies' narratives over time show the concern of a resizing of the time limited by the idea of its own end, from the view that the past time seems to be longer than that which is to come. With it, the need for a time to live better here and now is highlighted, prioritizing the present and its good use.

keywords

Elderly Women. Time for Yourself. Time for Others.

referências

ANDRADE, Eliane Schmaltz Ferreira. *Somando Papéis Sociais: trajetórias femininas e seus conflitos*. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *La Individualización: El Individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas*. Barcelona: Paidós Iberica, 2003.

BERTAUX, Daniel. *Les récits de vie: Perspective ethnosociologique*. Paris: Éditions Nathan, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia* (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Recontando o tempo de madureza. In: KOURY, Mauro et al. (Org.). *Cultura e Subjetividade*. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996. p. 71-82.

_____. Chegando pra idade. In: LINS DE BARRO, Myriam Moraes (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007. p. 223-235.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e Envelhecimento. *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 33-51, mar. 1994.

_____. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999.

DELGADO, Josimara A. *Memórias de velhos trabalhadores aposentados: estudo sobre geração, identidade e cultura*. 2007. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Movimentos sociais: a construção da cidadania. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 10, p. 24-30, out. 1984.

_____. A Sociedade Vista da Periferia. In: *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 377-407.

FRANCH, Mônica. *Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife*. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

FRANCH, Mônica; QUEIROZ, Tereza. *Da casa à praça*. Um estudo da revitalização de praças em João Pessoa. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Vértice, 1999.

LECCARDI, Carmen. Facing uncertainty. Temporality and biographies in the new century. *Young*, London, v. 13, n. 2, p. 123-146, May 2005.

_____. Por um novo significado de Futuro. *Mudança Social, jovens e tempo*. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2, p. 35-57, ago. 2005a.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

NOWOTNY, Helga. *Le temps à soi*. Genèse et structuration d'un sentiment du temps. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1992.

SOARES, Cristiane Leal Rodrigues. *Entre viver para si e viver para os outros: envelhecimento feminino e individualização*. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Recebido: 21/06/2013
Aceite Final: 23/12/2013